

# OS CAMINHOS DAS VISITAS PASTORAIS NA COMARCA DA MAIA NA ÉPOCA MODERNA

Helena OSSWALD \*

De documentação variada como o *Censual da Mitra do Porto* (Santos, C., 1973), datado de 1542<sup>1</sup>, ou a descrição da diocese no *Catálogo dos Bispos do Porto* (Cunha, D. Rodrigo, 1623), ou ainda as *Constituições Sinodais do Porto* de 1687 (Souza, D. João, 1690), ou mesmo de documentação "civil" como a descrição de Villas-Boas de 1795 (Cruz, A., 1970) e a do Padre Rebelo da Costa de 1787 (Costa, A. R., 1945), constam relações de freguesias da diocese com uma enumeração que obedece a determinada ordem. Pesquisar um pouco esta ordem sugere diversas leituras.

A que critérios obedeceram estas construções? Duas destas enumerações, a lista apenas às *Constituições* e a de Rebelo da Costa foram ditadas pela sequência alfabética dos topónimos, mais concretamente dos oragos das freguesias. Na maioria, porém, este critério não tem qualquer importância. E, contudo, algumas são contemporâneas de Dicionários e Corografias em que a estrutura escolhida é a das entradas por ordem alfabética, como no caso do *Dicionário Geográfico* do Pe. Luís Cardoso de 1747. Numa primeira leitura a apresentação destas listas sugere o critério de uma sequência de proximidade geográfica. Parece pois ser possível testar essa aparente sucessão e descortinar a lógica da mesma. Ou seja, será que a sequência é realmente a da proximidade, e mesmo a da contiguidade, percorrendo os elos de ligação física de umas freguesias a outras, ou melhor, dos centros determinantes desses espaços a outros? Ou o elo de ligação é de outra natureza, como a hierárquica ou funcional?

Se se tratar de uma sequência geográfica, esta ordem pode ser reveladora dos caminhos e trânsitos entre as povoações, dos itinerários mais importantes, dos possíveis de serem percorridos para quem é um estrangeiro ao espaço da freguesia, e não pode nem é capaz de conhecer atalhos e desvios.

Se outros factores como a antiguidade ou a dignidade da paróquia forem determinantes, então poder-se-á esclarecer como é que estes dados se impuseram na forma de pensar, de memorizar e visualizar esse espaço e se sobrepujaram a ligações mais lógicas do ponto de vista da locomoção como os critérios de contiguidade e proximidade física.

Surge de imediato a questão de tentar perceber em que circunstâncias, com que modelos e para que fins imaginavam alguns este espaço. As imagens não são certamente as que a maioria da população é capaz de representar. De facto, os documentos só autorizam identificar alguns como capazes e necessitados de visualizar assim a realidade: os produtores do documento e os seus utilizadores.

D. Rodrigo da Cunha diz claramente ao referir na comarca religiosa da Feira a primeira freguesia: "*he a primeira Igreja que se costuma visitar nella*" (Cunha, D. Rodrigo, 1623, p. 242), ou na comarca da Maia: "*começa-se esta comarca a visitar pelas Igrejas que ficão mais visinhas ao mar. He a primeira.*" (Cunha, D. Rodrigo, 1623, p. 251). Este costume de que fala D. Rodrigo da Cunha é bem antigo, já que no *Censual do Cabido*, documento até agora não datado precisamente, mas que é pelo menos do séc. XIV, a ordem com que são

apresentadas as igrejas dentro dos diferentes arcediagados é, no geral, idêntica à utilizada no *Censual da Mitra* de 1542 (cf. Quadro). O costume marca a actividade visitacional, mas também o mapa mental da região que este prelado, os seus antecessores e possivelmente os vindouros construíram. Com efeito, o futuro, depois de 1623, será marcado por esta lista do *Catálogo* reproduzida quase sem variantes. O processo, tudo parece indicar, baseia-se em conhecimentos empíricos e marcados pelo uso, pela prática a que estão sujeitos os visitantes e bispos quando desempenham parte dos seus deveres como pastores na diocese. Os produtores da fonte repetem conhecimentos que lhes foram comunicados e limitam-se a apreendê-los e a transmiti-los. Esta apreensão do espaço não se reduz para estes visitantes, e pessoal da visitação, como escrivão, criados e acompanhantes, a um saber abstracto, pois é reforçada ao percorrerem os caminhos.

A documentação civil, ao utilizar listas aparentadas com as eclesiásticas não deixa de denunciar o que é prática reconhecida: o recorrer sistemático ao sistema de informação, aos "dados de bancos", da igreja, assim como à sua capacidade relativamente rápida de actuação no terreno para obter informações com maior ou menor grau de rigor e pormenor. Mas também a actuação das instituições, tanto as ligadas ao poder central como as ligadas ao poder local, obrigava ao reconhecimento de percursos e do espaço. Os funcionários do poder civil e religioso eram constrangidos a apreender as áreas onde viviam as comunidades que lhes estavam ligadas.

Neste estudo pretende-se, pois, indagar da forma como era percorrido pelos visitantes um território concreto, o da comarca religiosa da Maia. Não só no acto de calcorrear as freguesias da comarca, 74, mas também nos actos de representação mental desse espaço.

Não havendo mapas a grande escala com a figuração das vias de comunicação para esta área para todo o período moderno, há necessidade de reconstruir traçados, mesmo que grosseiros. No mapa desenhado por Villas-Boas nos anos finais do séc. XVIII (Cruz, A., 1970), nas indicações do *Roteiro* de Baptista de Castro de 1763, encontram-se indicadas as grandes vias que, comparadas com as reconstituídas por C. A. Ferreira de Almeida (1968) para o período medieval, e cartografadas sobre a carta de Portugal de 1:100.000 de 1880, a primeira rigorosa, levantada e construída pela Direcção dos Trabalhos Geodésicos do Reino<sup>2</sup>, permitem a hipotética reconstrução dos caminhos da visita.

Os elementos toponímicos foram recolhidos nas listas já referidas, nos Dicionários e Corografias (Pe. Carvalho da Costa, Pe. Luis Cardoso), nas *Memórias Paroquiais de 1758* publicadas, em textos de visitas e ainda em documentação incluída em tombo de propriedades de instituições conventuais (Vairão, Sta. Clara de V. Conde e Moreira<sup>3</sup>) nos quais se mencionam confrontações com caminhos e estradas.

No *Mappa de Portugal* de Baptista de Castro (1763), sobretudo no *Roteiro* que lhe está apenso, estas estradas encontram-se identificadas com os percursos mais importantes, conforme a informação dos correios do Reino acerca dos itinerários percorridos, assegurando não só informações provavelmente "*bem averiguadas*", assim se diz no preâmbulo ao *Roteiro*, como sobretudo baseadas em viagens realmente feitas e não só pensadas. Baptista de Castro afirma que utilizou também como fonte um manuscrito com as listas das distâncias entre as terras, tarefa de que Filipe IV tinha encarregue os corregedores em 1638 e não indica que se tivessem produzido graves alterações durante o período intermédio (Baptista de Castro, 1763, t. 3, p. 2). A partir dos traçados de

caminhos e estradas desenhados na carta de 1880, é possível tentar averiguar das ligações que as visitas pressupunham. Para isso, estabeleceu-se uma lista de todos os lugares mencionados, e fez-se a identificação através da Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000 e da carta na escala 1:100.000 de 1880, e de dicionários corográficos. A grande questão foi a da identificação dos lugares em que se encontravam as igrejas, já que são elas o elo central e lógico dos percursos.

O texto da visitação de 4 de Agosto de 1644 a Vilar do Pinheiro, em que se admoestam os fregueses a "*reformarem os caminhos da freguesia nas partes que forem necessarias para administração dos Sacramentos condenando todo o que não concertar sua testada em pena de meo tostão*" (cit. em Marçal, H., 1950) é uma das variações de um tema conhecido, tantas vezes formulado em textos de visitas. A centralidade da igreja paroquial no que diz respeito à manutenção obrigatória, e até de carácter compulsivo, dos caminhos, estabelecida mais uma vez nestas normas, aponta a necessidade de figurar a igreja como lugar primordial do espaço e cruzamento dos caminhos, independentemente do número de fogos dessa zona da freguesia. Talvez uma parte das repreensões que se fazem ouvir nas visitas resultasse do facto de os visitantes encontrarem nestes caminhos, que não eram os seus de todos os dias, um pouco menos de comodidade. Uma meta a atingir seria, por exemplo, consertar "*tudo muito bem que tenha tres palmos de largura em todas as partes*" (Visita de 29.06.1667, cit. em Marçal, H., 1950). Se à largura do caminho se soma, na época de chuvas, o mau estado do pavimento, raras vezes empedrado e muito poucas vezes com uma estrutura de caixa que obste á formação do lamaçal, e ainda o facto de muitos dos caminhos andarem a um nível abaixo das entradas dos campos e das casas, sendo necessário manter as paredes e formar degraus para facilitar o acesso, obtém-se a imagem do desconforto, da dificuldade (pela grande altura das "*ribanceiras*") e da "*indecencia*" e "*descompozição*" a quem por eles tinha de transitar (visita de D. João de Souza a V. Pinheiro em 1690). Esta "*indecencia*" e "*descompozição*" refere-se, sobretudo, às mulheres.

A formação e a manutenção dos caminhos obedeciam à localização da igreja na freguesia, aos lugares de povoamento e finalmente às áreas de trabalho, sempre que estas se situavam em zonas não povoadas. Em Vilar do Pinheiro, por exemplo, quando se entrava em território da freguesia, vindo pela estrada dos *Nove Irmãos*, (a estrada nova do séc. XVI, que ligava o Porto a Viana, numa variante à *Via Veteris* (Azevedo, 1939)) para se chegar à Igreja, saía-se da estrada no lugar do Padinho, ponto de cruzamento entre a estrada e o caminho que começava no lugar do Carvalhido e seguia até próximo da igreja passando por Aradas e Venda. Da igreja saíam ainda mais dois caminhos: um, que partia detrás da Igreja, seguia para sul, para os lugares de Sangemil, Senra, etc.; outro, pela frente, dirigia-se para Real, Sestelo. Para Norte não havia povoações que justificassem um caminho de ligação à igreja (dados obtidos em Marçal, H., 1950).

Os caminhos identificavam-se por nomes, como o dos "*Picotos*" (Vairão), o dos "*Burricos*" (Aveleda), "*o Carril de Pedra*" (Modivas), etc., fossem particulares ou não. Em termos de fiscalização e superintendência dos caminhos dentro do espaço da freguesia, e são essencialmente estes os caminhos que os visitantes percorriam, cabia aos mordomos e juizes a tarefa de lembrar, obrigar e penalizar quem devia e tinha a obrigação da manutenção das azinhagas, passadouros, congostas e caminhos, desde que "*por elles se administração os sacramentos*" (visita de D. João de Souza a Vilar do Pinheiro em 1690, cit. em Marçal, H., 1950). Quando as ervas, as silvas, os ramos das árvores,

sejam de fruto ou não, as águas invadem os caminhos há que cortar, podar, limpar, drenar. O que é tarefa da obrigação de quem tem terras a entestar com a via.

A centralidade do edifício paroquial impunha-se também na toponímia: é avultado o número de lugares chamados "Igreja" nestas freguesias (pelo menos 34 em 74), e que por vezes recebiam um segundo nome a reforçar esta ideia, como em Milheirós, onde o lugar da "Igreja" era também conhecido por "Meio da Aldeia" (Cruz, J., 1969, p. 29). Muitas vezes o lugar da Igreja não é povoado, como exemplo sirva a descrição das memórias paroquiais utilizadas no *Dicionário Geográfico* do Pe. Luís Cardoso da freguesia de S. Miguel de Barreiros em que a igreja se situa no "meio distante do povoado" (Cardoso, L., 1747-1751, t. 2, p. 69). Ou a descrição de Alfena, onde a "paróquia" é situada junto ao outeiro de Sta. Margarida, fora da povoação e quase no meio da freguesia (Cardoso, L., 1747-1751, t. 1, p. 274). Em Árvore, como a freguesia se situa em "lugar elevado" e a matriz está no meio, "sobe-se para ela de todas as aldeias" (Cardoso, L., 1747-1751, t. 1, p. 624).

As igrejas sem sacrário para guardar o Santíssimo obrigavam a que, em caso de necessidade, como na administração da unção aos doentes e moribundos, o pároco trouxesse o viático da freguesia mais próxima com sacrário. Ao longo da época moderna a tendência será para aumentar o número de igrejas "com sacramento". Mas trata-se de um processo longo e que esbarrou muitas vezes em argumentos materiais, sendo um dos mais invocados o da dificuldade de garantir a lâmpada sempre acesa frente ao sacrário. D. Rodrigo da Cunha não esquece ao enumerar as características das igrejas de mencionar as que tinham Santíssimo Sacramento: Ramalde, Foz, Bouças, Leça da Palmeira, Leça do Bailio, Sta. Cruz do Bispo, Lavra, Sta. Maria de Vilar, Azurara, Guilhabréu, Silva Escura, S. Mamede do Coronado, S. Tiago do Bougado, Refoios, Alfena, Águas Santas, Paranhos e Massarelos. Em Sta. Cruz do Bispo, por exemplo, o Santíssimo foi colocado "em o quarto Domingo de Julho, que forão 23 do mesmo mez, assistindo nós em pessoa" (Cunha, 1623, t. II, p. 255), sendo portanto bem recente. É possível que a estas dezoito se tenham de somar as dos mosteiros de Vairão, Moreira, Sto. Tirso, a da Colegiada de Cedofeita e a de Sta. Maria dos Anjos de Azurara (sendo as primeiras paroquiais e a última simplesmente integrada dentro de uma freguesia) que teriam certamente o Santíssimo. Não chegava portanto a um terço o número de igrejas paroquiais em que o pároco tinha a possibilidade de levar o viático aos enfermos e moribundos sem ter de se dirigir à freguesia vizinha, fosse dela dependente em termos hierárquicos ou não. Os fregueses das igrejas de Custoias, Gueifães, Barreiro, Moalde, Aldoar e Gondim, todas elas anexas de Sta. Maria de Leça do Bailio, a quem os seis capelães de Leça devem administrar os sacramentos e rezar pelo menos todos os quinze dias a missa conventual de domingo (Cardoso, L., 1747, p. 717), terão de fazer o esforço de manter os caminhos que os ligam ao Mosteiro do Bailio em estado transitável, se pretenderem que os beneficiados de Leça lhes garantam o serviço religioso. Os fregueses de Milheirós e o seu pároco tinham de ir buscar o Santíssimo, sempre que necessário, à igreja de Águas Santas. Esta dependência levou a que a partir dos finais do séc. XVII Milheirós tentasse completar-se como igreja paroquial, apesar de usufruir da categoria de paróquia pelo menos desde os anos oitenta do séc. XVI. Vários moradores obrigam-se, em escritura pública de 24 de Novembro de 1697, a sustentar as despesas do Santíssimo. E um dos inconvenientes que aduzem relativamente à situação até então vivida na freguesia é o de que, em épocas de inundações, a travessia do rio, o Leça, se tornava muito difícil, se não mesmo impossível (Cruz, J., 1969, p. 27).

Conforme a categoria, o título da freguesia, os párocos tinham dignidade diferenciada (claro que a esta dignidade se podiam somar as dignidades, os títulos pessoais). Em 1623 havia na comarca da Maia 15 curados e 24 abadias. As outras freguesias repartem-se por reitorias e vigararias. Abadias eram paróquias com direito à percepção dos dízimos, não tendo as reitorias e vigararias esse direito. Os curados estavam situados em categoria aparte, já que os párocos apenas faziam o serviço de paroquiar a freguesia em nome de outrém. Não eram titulares. Estes curas distinguem-se claramente dos substitutos ou encomendados, porque são párocos de nomeação. Vigários são os nomeados por entidades colectivas como os cabidos, mosteiros, etc. (Dias, G. C., 1993; Moreira, D., 1973). Ao longo do restante período moderno a situação não se altera significativamente na Maia, no que diz respeito à situação de curados. Na segunda metade do XVIII, a dança dos direitos de padroado, que por vezes andam ligados aos direitos de percepção das rendas, transferirá os títulos de reitoria para vigararia e vice-versa (cfr. Est. I).

Em termos de uma lógica interna da hierarquia e do sistema de organização eclesiástica as igrejas de padroado da mitra e cabido, e com categoria de abadias ou curados, deveriam ser as que menos sujeitas estariam a interferências externas e, portanto, as que teriam nesta questão dos percursos da visita lugar destacado, por merecerem prioridade ou outra distinção. Mas o confronto dos mapas em que se representam títulos e direitos de apresentação não esclarecem a ordem de visita. É sintomático o pouco peso dos prelados nesta comarca no que diz respeito a direitos de nomeação dos presbíteros e ao direito de receber rendas. As igrejas do interior da comarca, da zona de relevo mais acidentado, as mais pobres, parecem mais ligadas ao bispo. Mas essa é sobretudo uma constatação do final do séc. XVIII, quando já se fizeram sentir algumas reformas na vida dos mosteiros da região (caso de Moreira). Com excepção do direito de isenção de visita todos os restantes direitos de particulares, mosteiros e coroa não mostram ser relevantes no traçado sequencial da visitação. A ordem de Malta goza de um estatuto especial nas 9 igrejas paroquiais da sua comenda: a de Águas Santas e a de Sta. Cristina de Cornes (mais tarde baptizada de Malta) e a mais substancial, a de Sta. Ma. de Leça, bailiagem com as igrejas anexas de Aldoar, Custóias, Gueifães, Barreiros, Gondim e Infesta. Porém, não tem isenção de visitação total. Em 1542, diz-se na lista das igrejas sujeitas ao pagamento da taxa de visitação que a comenda de Sta. Ma. de Leça pagava "*por San Martinho de Aldoar e Sam Faustro de Gueifães vesitação inteira*" (Santos, C., 1973, p. 262). Custóias, Barreiros, Gondim e Infesta não são mencionadas. Mas pagam outras taxas. Na lista das igrejas que devem o pagamento de censorias de pão no celeiro da cidade, por exemplo, aparece a comenda de Sta. Ma. de Leça a pagar por S. Miguel de Barreiros, S. Tiago de Custóias e S. Salvador de Gondim, enquanto Aldoar, Gueifães e Çerçores (Infesta) pagam directamente e são nomeadas como capelas de Leça. No rol do direito de apresentação das igrejas e das taxas de confirmação dessa apresentação, em princípio sempre devidas ao bispo, diz-se que o mosteiro de Sta. Ma. de Leça não tem taxa e que tem a ele anexas as seis freguesias acima referidas. Mas diz-se também claramente que "*o bispo visita em pessoa duas delas scilicet Alldoar e Geiffães*" (Santos, C., 1973, p. 209). As igrejas da comenda de Malta são as únicas que levantam na comarca da Maia a questão da isenção.

Entre o traçado das vias conhecidas para a época anterior e os grandes eixos que são transitáveis até ao fim do período moderno não há mudanças profundas.

Encurtaram-se algumas distâncias e criaram-se ramais e variantes. Relativamente aos caminhos dentro das freguesias a situação é mais variável, já que um número grande de factores contribui para as mudanças: a densidade demográfica em crescendo, a distribuição dessas mesmas pessoas pelo território paroquial, as modificações na paisagem agricultada, etc.. Mesmo diminutas as alterações fizeram-se sentir e tornaram necessários novos acessos. Assim, no séc. XVI, fala-se, em documentação variada, desde as confrontações de terras em actos de compra e venda até aos tombos de vários proprietários, na "Estrada dos nove irmãos" ou na "Estrada velha de Barcelos", na "Estrada velha", na "Estrada que vai para Vila do Conde" na "Estrada publica que vai para o Porto e Vila do Conde" etc.. O novo e o velho são adjectivos difíceis de interpretar.

A ordem nas listas do *Censual do Cabido*, do *Censual da Mitra* e do *Catálogo dos Bispos do Porto* é idêntica dentro de cada núcleo, não na totalidade (cfr. Quadro). Basta ter em conta que as divisões territoriais a que fazem referência não são as mesmas para se explicar as diferenças.

CENSUAL DO CABIDO	CENSUAL DA MITRA	D. RODRIGO DA CUNHA
ARCEDIAGO DA MAIA	TERRA DA MAIA <u>GONDOMAR E REFOIOS</u>	COMARCA DA MAIA
1. MIRAGAIA	52. MILHEIRÓS	
2. CEDOFEITA	53. ÁGUAS SANTAS	
3. RAMALDE	60. ASMES	3. RAMALDE
4. LORDELO	54. S. P. FINS CORONADO (S. FELICES)	4. LORDELO
5. NEVOGILDE	57. FOLGOSA	5a. FOZ
6. BOUÇAS	59. STA. CRIST. CORONADO	5. NEVOGILDE
7. GUIFÕES	61. ALFENA (DE OUEIMADELA)	6. BOUÇAS
8. MOROZA	<b>55a. ÁGUALONGA</b>	7. GUIFÕES
9. ALDOAR	<b>54a. AGRELA</b>	8. PALMEIRA
10. CUSTOIAS	<b>53a. RÉGUENGA</b>	16. PERAFITA
11. BARREIROS	<b>52a. LAMELAS</b>	13. MOREIRA
12. GONDIM	<b>51a. S. CRIST. REFOIOS</b>	22. GEMUNDE
13. MOREIRA	<b>50a. CARREIRA</b>	15a. LEÇA 10. CUSTOIAS
14. COUSSO	<b>49a. GUIMAREI</b>	50. GUEIFÃES
15. STA. CRUZ	<b>48a. MONTE CÓRDOVA</b>	11. BARREIROS
16. PERAFITA	<b>47a. S. MI. COUTO</b>	51. MOALDE
17. LAVRA	<b>46a. STA. CRIST. COUTO</b>	9. ALDOAR
18. LABRUGE	<b>45a. S. BART. LAGONCINHA (VALECURSO)</b>	12. GODIM
19. AVELEDA	<b>44a. STO. TIRSO</b>	36. CORNES
20. VILA NOVA	43. S. MART. BOUGADO	15. STA. CRUZ BISPO
21. VILAR DE PORCOS	42. S. TI. BOUGADO	21. VILAR DO PINHEIRO
22. GEMUNDE	58. COVELAS	20. VILA NOVA
23. MOSTEIRÓ	56. S. RO. CORONADO	19. AVELEDA
24. VILAR	55. S. MAM. CORONADO	17. LAVRA
25. MODIVAS	48. SILVA ESCURA	18. LABRUGE
26. VILA PLANA	49. NOGUEIRA	23. MOSTEIRÓ
27. MINDELO	47. VERMOIM	24. VILAR
28. FAJIZES	46. BARCA	37. GIÃO
29. PINDELO	45. STA. MA. AVIOSO	25. MODIVAS
30. RETORTA	44. S. P. AVIOSO	28. FAJIZES
31. TOUGUES	41. MURO (STA. CRIST. ALVARELHOS)	26. VILA CHÃ
32. MACIEIRA	40. ALVARELHOS	27. MINDELO
33. VAIRÃO	39. GUIDÕES	29a. AZURARA
34. FORNELO	38. GUILHABREU	29. ÁRVORE
35. CANIDELO	22. GEMUNDE	30. RETORTA
36. STA. CRISTINA CORNES	13. MOREIRA	31. TOUGUES
37. STO. ESTEVÃO	21. VILAR PORCOS	32. MACIEIRA
38. GUILHABREU	23. MOSTEIRÓ	34. FORNELO
39. GUIDÕES	25. MODIVAS	33. VAIRÃO
40. STA. MA. ALVARELHOS	24. VILAR	35. CANIDELO
41. S. CRIST. ALVARELHOS	34. CORNES	38. GUILHABRÉU
42. S. TI. BOUGADO	37. GIÃO (STO. ESTEVÃO DA MAIA)	44. S. P. AVIOSO

## HELENA OSSWALD

43. S. MART. BOUGADO	33. VAIRÃO	45. STA. MA. AVIOSO
44. S. P. AVIOSO	35. CANDELO	46. BARCA
45. STA. MA. AVIOSO	34. FORNELO	47. VERMOIM
46. BARCA	32. MACIEIRA	49. NOGUEIRA
47. VERMOIM	28. FAJIZES	48. SILVA ESCURA
48. SILVA ESCURA	31. TOUGUES	57. FOLGOSA
49. NOGUEIRA	30. RETORTA	55. S. MAM. CORONADO
50. GUEIFÃES	29. ÁRVORE (PINDELO)	58. COVELAS
51. TRESSORES (CERÇORES)	29a. AZURARA	56. S. RO. CORONADO
52. MILHEIRÓS	27. MINDELO	41. S. CRIST. MURO
53. ÁGUAS SANTAS	26. VILA CHÃ	40. STA. MA. ALVARELHOS
54. S. FÉLIX CORONADO	18. LABRUJE	39. GUIDÕES
55. S. MAM. CORONADO	19. AVELEDA	42. S. TI. BOUGADO
56. S. RO. CORONADO	20. VILA NOVA	43. S. MART. BOUGADO
57. FOLGOSA	17. LAVRA	44a. STO. TIRSO
58. COVELAS	16. PERAFITA	46a. STA. CRIST. COUTO
59. STA. CRIST. CORONADO	14. COUSSO	47a. S. MI. COUTO
60. S. LAURENTII	15. STA. CRUZ MAIA	48a. MONTE CORDOVA
61. QUEIMADELA	7. GUIFÕES	51a. REFOJOS
62. VALONGO	8. PALMEIRA	50a. CARREIRA
63. COVA	6. BOUÇAS	49a. GUIMAREI
64. FOZ SOUSA	5. NEVOGILDE	52a. LAMELAS
65. IOVIM	5a. FOZ DO DOURO	53a. REGUENGA
66. VALBOM	4. LORDELO	54a. AGRELA
67. GONDOMAR	3. RAMALDE	55a. ÁGUALONGA
68. FANZERES	2. CEDOFEITA	61. ALFENA
69. RIO TINTO	70. CAMPANHÃ	60. ASMES
70. CAMPANHÃ	66. VALBOM	54. PEROFINS
71. PARANHOS	67. GONDOMAR	53. ÁGUAS SANTAS
	65. IOVIM	52. MILHEIRÓS
	63. COVA	71. PARANHOS
	69. RIO TINTO	2. CEDOFEITA
	62. VALONGO	2a. MASSARELOS
	64. FOZ SOUSA	
	64a. COVELO	
	15a. LEÇA	9. ALDOAR
		10. CUSTOIAS
		11. BARREIROS
		12. GODIM
		51. CERÇORES
		50. GUEIFÃES



Por outro lado, só na lista de D. Rodrigo da Cunha há a preocupação objectiva de indicar a ordem de visita: a visita começava pelo poente, junto ao mar. Com isso fica explicada a aparente ordem em sentido inverso da lista de 1623 em relação à lista anterior, a de 1542. A partir de 1623 o espaço parece estar firmemente ancorado no cenário traçado por D. Rodrigo da Cunha. E isto apesar de alguns autores se guiarem pelas divisões territoriais de carácter administrativo civil.

A sequência dos diferentes elementos descritos neste espaço nem sempre obedece à proximidade geográfica. Por vezes, alguns percursos só parecem explicáveis por lapso cometido por D. Rodrigo da Cunha. É o caso, por exemplo, da sequência Perafita - Moreira - Gemunde - Leça do Bailio - Sta. Cruz do Bispo - Vilar do Pinheiro. Este vaivém passando pelo território de Sta. Cruz do Bispo no caminho entre Perafita e Moreira, mas não o visitando, seguindo ainda mais a Norte para Gemunde e depois voltando atrás para indicar Leça e as suas anexas não tem lógica sequencial de proximidade geográfica nem de caminhos disponíveis. Também não se percebem razões ligadas a títulos e dignidades. Tendo Leça do Bailio um estatuto especial por se tratar de uma comenda do Hospital, cujo comendador é um dos cinco baillios da ordem, mas um dos mais poderosos porque se situa hierarquicamente logo abaixo do prior do Crato e muitas vezes o cargo andou na mesma pessoa, os privilégios são mais de ordem civil (por ser um couto) do que eclesiástica. Em termos de visitação não goza do estatuto de isenção total conforme se viu atrás.

Outro caso é o da sequência da visita de Covelas entre S. Mamede do Coronado e S. Romão do Coronado. O caminho mais rápido seria o que de S. Mamede seguisse para S. Romão passando por Sta. Eulália, ao largo da igreja de S. Romão e indo por Fontiela e Profitela até Cruz, em Covelas. Na lista das taxas de visitação de 1542 a ordem seguida parece ser esta. A aproximação é feita pelo Norte, e a ordem é Covelas, S. Romão e S. Mamede. Será que D. Rodrigo da Cunha quis obstar a confusões e intercalou Covelas entre os dois Coronados? Claro que o acesso a Covelas só se pode fazer através da garganta do vale, e limita as opções. A questão das igrejas anexas ou unidas não parece explicar a lógica das visitas. Agrela, por exemplo, é visitada antes de Águalonga e contudo é anexa a S. Julião de Águalonga, o mesmo acontecendo nos casos de Fornelo (anexa a Vairão) e S. Miguel do Couto (anexa de Monte Córdova)<sup>4</sup>.

Em grande parte do percurso da visita (cfr. Est. II) os grandes eixos, como são a estrada, pela orla marítima, de Matosinhos a Vila Chã e que depois entronca na estrada Aveleda-Vila do Conde; a "estrada dos 9 irmãos" ou "estrada velha de Barcelos", variante da *Via Vetera*, com os seus ramais; a *Via Karraria* com variantes; a estrada Porto-Braga; e, finalmente, a estrada Porto-Guimarães, não são percorridos senão em pequenas troços. Na realidade, são muitas vezes cruzados.

Todo este mapa só existe como um todo para poucas pessoas. A visita, que deveria acontecer pelo menos uma vez em cada dois anos, não tem esta frequência<sup>5</sup>. E os visitantes são em grande parte vigários para isso delegados pelo bispo. Muitas vezes o vigário nomeado delegava em outrém, que poderia vir de fora da comarca ou ser um abade de freguesia vizinha. A carta de visita com a ordem e mais instruções referia o espaço conforme ele estava pensado a nível central, na mitra, e que poderia coincidir ou não com o conhecimento que o visitante tinha desse mesmo espaço. Como muitas vezes a visita não se fez de uma assentada, os visitantes para chegarem às freguesias da visitação programada não precisaram de percorrer todos os caminhos em princípio estipulados e usaram as vias principais. De qualquer modo, este espaço tinha de estar presente na atribuição das visitas.

É, como se vê, uma área demarcada por dois rios, o Ave e o Douro, que sofre, no sentido Sul, da cidade do Porto, um certo "afunilamento". As paróquias da *Terra de Gondomar* que ainda em 1542 faziam parte da mesma região passaram, entre esta data e 1623, definitivamente a pertencer à Comarca de Penafiel. O espaço da Maia surge, assim, ainda mais limitado pela cidade a Sul. Concentra-se no perímetro urbano, no espaço central da diocese, na mitra e cabido, no poder. É um espaço que se orienta pela costa. O visitador é confrontado e confronta-se com a realidade litoral. Nas visitas fazem-se observações sobre as actividades piscatórias e agrícolas, e a propósito destas últimas introduzem-se muitas vezes questões ligadas ao mar, como a apanha do sargaço para servir de estrume, a repartição de tarefas pelos sexos que se diferencia de outras áreas, ou os perigos que vêm do mar. Em termos de rendas também este espaço litoral se distingue: os dízimos da pesca são mais variáveis, pelo menos na capacidade de cálculo de quem tem o direito de os receber. A observação de Villas-Boas, e note-se a data tardia (1795) quanto ao período em questão, é elucidativa: em relação a Aldoar e Matosinhos afirma: "*A dízimaria (...) depende da pesca em parte.*" Ou relativamente a S. João da Foz: "*a dízimaria da cultura será huma quarta parte; o resto he da pesca*". Ou em Azurara: "*os dízimos desta freguesia dependem da pescaria*" (Cruz, A., 1970). Os vazios do mapa (fora os que se detectam em torno das freguesias de Malta) coincidem com os espaços de circulação mais dificultada: as elevações de terreno que obrigam a circundar o obstáculo, a procurar a passagem pela boca do vale. Nas áreas onde as curvas de nível se concentram os caminhos rareiam e afastam-se. No litoral a locomoção é mais fácil, mesmo quando atravessa os areais e dunas. O centro do poder também parece estar mais próximo: a vaidade com que nas Memórias se aponta o facto de de Azurara se enxergar até à cidade do Porto, e para além da mesma, até Arouca!

É evidentemente um espaço marcado pela História. A fronteira Norte, seguindo a linha que o rio Ave faz, é a divisória muito antiga e nesta parte do percurso nunca discutida, entre as dioceses de Braga e do Porto. É também um espaço marcado pela presença e formação antiga de paróquias, comunidades com organização humana suficientemente desenvolvida para sustentarem a organização religiosa. De facto, as listas das igrejas do *Censual do Cabido*, do *da Mitra* e do *Catálogo* não apresentam mudanças fundamentais (S. Silvestre do Couço, S. Bartolomeu de Lagoincha, Sta. Cristina do Coronado desaparecem porque se integram em outras freguesias e Pindelo divide-se em Árvore e Azurara).

## NOTAS

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>1</sup> Em todas as listas: seja nos róis dos direitos de apresentações e taxas, nos de visitas, censos e bragais, ou no das censórias do pão.

<sup>2</sup> Que já indica as estradas nacionais e as vias de caminho de ferro, construídas e projectadas, mas que comparativamente com cartas posteriores assegura uma maior proximidade às realidades que se pretendem analisar neste trabalho, porque ainda figura os caminhos anteriores.

<sup>3</sup> Tombo de Vairão de 1636; de 1710 (Gião e Modivas) e de 1711; Tombo Verde 2º de Sta. Clara de 1518; Tombo de Moreira de 1611, citados em Freitas, E.A., 1950.

<sup>4</sup> São 32 as freguesias anexas e unidas. Das que são anexas a igrejas desta área de visitação, 10 são visitadas depois das igrejas de que dependem, 7 antes. Os exemplos acima dizem só respeito aos casos de contiguidade.

<sup>5</sup> Em Vilar do Pinheiro, por exemplo, de 1644 a 1864, houve 90 visitas, 12 feitas por bispos (Marçal, H., 1950).

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

- Almeida, C.A.F., *Vias medievais. I. Entre Douro e Minho*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1968 (dissertação de licenciatura, policopiada)
- Azevedo, Pe. Agostinho de, *A terra da Maia. (Subsídios para a sua monografia)*, vol. 1, Porto, Imprensa Moderna Lda., 1939
- Cardoso, Pe. Luís, *Dicionário Geográfico, ou notícia histórica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeias, rios, ribeiros, e serras dos reinos de Portugal e Algarve com todas as cousas raras que nelle se encontrão, assim antigas como modernas*, 2 tomos. Lisboa, Regia Off. Sylviana, 1747 e 1751
- [Carta de] *Portugal esc.* 1:100.000, folha 7, Lisboa, Direcção dos Trabalhos Geodésicos do Reino, 1880
- Carta Militar de Portugal esc.* 1:25.000, folhas 96, 97, 98, 109, 110, 111, 122, 123, 2ª.ed., Lisboa, Serviço Cartográfico do Exército, 1975-1981
- Castro, Pe. João Baptista de, *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, 1ª. ed, Lisboa, Off. Patriarchal Francisco Luiz Ameno, 1763, 3 vols
- Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, B.P.M.P., Imprensa Port., 1924
- Costa, Agostinho Rebelo da, *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*, 2ª. ed., Porto, Livraria Progredior, 1945
- Cruz, António, *Geografia e Economia da Província do Minho nos fins do séc. XVIII. Plano de descrição e subsídios de Custódio José Gomes de Vilas-Boas*, Porto, C.E.H.F.L.U.P., 1970
- Cruz, Pe. João Vieira Neves Castro da, *Descrição Topográfica e Histórica da freguesia de S.Tiago de Milheirós, Concelho da Maia, Bispado do Porto*, Maia, 1969 (introdução de A. Cruz)
- Cunha, D. Rodrigo da, *Cathalogo dos Bispos do Porto*, Porto, João Rodrigues, 1623
- Dias, Geraldo J. A. Coelho, *Vila das Aves. História da Paróquia e sua Toponímia*, Sto. Tirso, Ave-Cadernos de Cultura 7, C. M. Sto. Tirso, 1993
- Freitas, Eugénio Andrea da Cunha e, "Estradas velhas entre Leça e Ave", in *Douro Litoral*, 4ª série, I-II, Porto, 1950, p. 50
- "Memórias Paroquiais de 1758", freguesias de "Ramalde", "Aldoar", "Paranhos", "Vilar", "Foz", "Cedofeita", "Nevogilde", "Lordelo", "Massarelos", "Águas Santas", "Milheirós", "Azurara", "Gueifães", "Monte Córdova", "Fornelo", "Mindelo", "Barreiros", "Vermoim", "Gemunde", publicadas in *O Tripeiro*, série VI, 12, 1964; 2, 6, 10, 1965; 6, 10, 11, 1966; 7, 1967; 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 1968; 2, 4, 1969
- Marçal, Horácio, *Vilar do Pinheiro, Concelho de Vila do Conde: subsídios para a sua monografia*, Porto, Junta da Província do Douro Litoral, 1950
- Moreira, Domingos A., "Freguesias da Diocese do Porto. Elementos onomásticos alti-medievais" in *Boletim Cultural da C.M.P.*, vol. XXXIV, fascs. 1-2, Porto, 1973

Santos, C., *O Censual da Mitra do Porto. Subsídios para o estudo da diocese nas vésperas do concílio de Trento*. Documentos e Memórias para a História do Porto- XXXIX, Porto, C.M.P., 1973

Sousa, D. João de, *Constituições Sinodais do Bispado do Porto de 1687*, 1ª. ed., Porto, 1690

## ANEXO

### Percurso provável. Lista de lugares com indicação de fontes

Na descrição dos diversos itinerários, bem como nas respectivas fontes foram utilizadas as seguintes siglas e abreviaturas:

Estr - estrada I - igreja R - rua

1758 - Memórias paroquiais de 1758 1880 - Carta de Portugal, 1880 1623 - Cunha, D. R., 1623

Marçal - Marçal, H., 1950 Almeida - Almeida, C.A.F., 1968 Freitas - Freitas, E. A. C., 1950 Cardoso - Cardoso, Pe. Luís, 1747-51 Cruz - Cruz, Pe. J., 1969 Paroquial - livros de registo paroquial

#### *Ramalde-Lordelo*

I. de Ramalde (1758; paroquial); OlhoMarinho (1758; paroquial; 1880); I. de Lordelo (1758; paroquial), travessia da estrada Lordelo-Matosinhos (1880; 1758; paroquial).

#### *Lordelo-Foz*

I. de Lordelo; cruzamento do caminho para a Foz (1880), entre bouças (paroquial: 1758), R. das Larangeiras (paroquial) I. da Foz.

#### *Foz-Nevogilde*

R. Pe. Luís (paroquial), Capela Sta Anastácia, Senhora da Luz (paroquial), etc. até ao caminho que corta para o interior e vai a Nevogilde na Lavandeira. A I. fica próxima da estrada Lordelo – Matosinhos (1880; 1758; paroquial).

#### *Nevogilde-Matosinhos*

Por Aldoar (a igreja muda de Aldoar para o monte de Pedregal, 1728, Vilarinha) (paroquial; 1758); entra em Bouças por Vilarinha de Matosinhos (1880; Cardoso: 1758), passa Carcavelos (1880), até à I. que fica fora do povoado, no meio da alameda (1758), e continua para Guifões.

#### *Matosinhos-Guifões*

A I. fica próxima do rio, que é atravessado na ponte de Guifões (1758; 1880).

#### *Guifões-Palmeira*

Entra em Palmeira na direcção de Gonçalves (1758, 1880), corta a Norte, circundando a cerca da quinta da Conceição (1623; 1758) para Santana (1880; 1758), I. de Leça.

#### *Palmeira-Perafita*

Segue para Norte por Amorosa (1758; 1880) na direcção de Perafita no caminho entre Telheiras –Pompas-Perafita e Almeiriga-Burgalheira (Cruz; Freitas, 1880). Na Burgalheira vira a Este para I. (1758).

#### *Perafita-Moreira*

Pela Estr. Velha de Matosinhos-Vila Chã, a Oeste do Freixieiro até próximo do lugar da Estrada, Crestins (a Oeste do apeadeiro de Crestins) (Freitas) ou por percurso mais a norte? Travessia da Estr. dos 9 irmãos (Freitas; 1880) da V.Karraria (Almeida). Monte das Pedras (1758;1880) e Matos até Refonteira, Padrão de Moreira (Almeida; Freitas; 1880). A I. era a conventual (1623)

#### *Moreira-Gemunde*

Padrão Moreira, passagem pela Guarda (Almeida; Freitas; Marçal; 1880) até ao Passal (da I. de Gemunde) (1880; Cruz)

*Gemunde-Leça do Bailio-Sta.Cruz do Bispo*  
(ver texto)

*Gemunde-Vilar do Pinheiro*

Souto, Póvoa, Venda, Padinho (Marçal, 1880), corta a Estr. dos 9 irmãos (Marçal), I.

*Vilar do Pinheiro-Vila Nova da Telha*

Caminho por detrás da I., S. Gemil (Marçal), Quires, Campo do Souto, Cambados e I. (Cruz; Freitas, 1880).

*Vila Nova da Telha-Aveleda*

Da I. até à Estr. dos 9 irmãos, Lagielas (Freitas; 1880; Cardoso) a Além (Cardoso) e ao Lugar da I. (Cardoso).

*Aveleda-Lavra*

Caminho atrás da I. entronca no caminho que de Paíço liga a Antela e à I. de Lavra (Cruz, Freitas, 1880). Por Padrão ou Pá Redonda?

*Lavra-Labruje*

Estr. Matosinhos-Vila Chã, passando em Angeiras, Casal do Outeiro; travessia do rio Onda na ponte abaixo de Calvelhe; Fundo de Vila e I. entroncando na Estr. Aveleda-Vila do Conde (Cruz; Freitas).

*Labruje-Mosteiró*

Da I. para Sul pela Estr. Aveleda-Vila do Conde (Cruz; Freitas) até Mota, faz arco para Pereira (1758) e atravessa a estrada Porto-Vila do Conde (Estr. dos 9 irmãos) no lugar da Lameira.

*Mosteiró-Vilar*

Da I. de Mosteiró retorna a Pereira (1758) e segue para Soutelo (Freitas). Em Soutelo vira para Este para a I. Ou da I. de Mosteiró segue por Outeiro, Souto, Rosa, até à I. em Vilar (1758;1880).

*Vilar-Malta*

(Malta não é de visitação do Bispo em 1623). Da I. de Vilar até Carrapata de Baixo, Gandara, Berrosos até à I. em Sta. Cristina (Cruz; 1623).

*Vilar-Gião*

Sta. Cristina, Berrosos, Gião do Meio, até à I. em Gião. Ao longo da Estr. que acompanha a antiga Via Veteris (Freitas).

*Gião-Modivas*

I., Gião do Meio, Gião do Fundo ou pelo Lugar dos Nove Irmãos de Modivas (Freitas) até ao Lugar da Igreja

*Modivas-Fajozes*

Pela Estr. Porto-Vila do Conde no ramal mais interior até alturas de Crasto e virando af para Oeste para a I. (Cruz; Freitas) Ou não tomado a Estr. Estr. Porto-Vila do Conde passando por Lage, Castelães, Lugar da Igreja.

*Fajozes-Vila Chã*

I., Estr. Nova, Pinheiro, Passos, Rio Gandara (1880) em direcção a Lavandeira (1880), Padrão Almas Grandes (Freitas), Lugar da Igreja.

*Vila Chã-Mindelo*

Da I. em direcção ao mar fazendo a linha divisória entre Mindelo e Modivas (Freitas) até Bural, I. do Mindelo (1758).

*Mindelo-Azurara*

I., Paredes, Moimenta e através de Árvore por Areias, em caminho paralelo à costa, até entrar na vila de Azurara pela rua do Porto (Freitas; Cruz; 1758; Cardoso).

*Azurara-Árvore*

Pela Estr. que ligava Azurara a Macieira (passava na Quintã de Baixo) (Freitas).

*Árvore-Retorta*

Quintã de Baixo, Casal do Monte, Casas Novas (1880) e I. (quase em frente à Azenha) (1880).

*Retorta-Touques*

I., Casas Novas, Souto de Cima, Povoação, Monte, Lugar da Igreja (1880).

*Tougues-Macieira*

Lugar da Igreja, Carvalheirada, Tougues, Sra. do Padrão, Barroca, S. Brás, Vilarinho (Freitas), Macieira. Ou Barroca, a Sul de Sabariz pelo caminho Ral-Maciera (Freitas).

*Macieira-Fornelo*

Macieira, Macieira de Baixo, direcção de Olaia, vira para Padrão, Fornelo = Lugar da Igreja (1758).

*Fornelo-Vairão*

Lugar da Igreja, direcção do Calvário, Covilhã por Lama. A l. é a conventual (1623).

*Vairão-Canidelo*

Convento, Sra. do Calvário, Sra. das Neves, Plas. ou Real de Cima, Real de Baixo, Passo (a Poente de Carrzedo), Farrilhe, Padrão (l.). Caminho com menor inclinação é o que vem por Passo, Martinhaes, Monte Padrão (1880).

*Canidelo-Guilhabréu*

Padrão, Caracol, Paços, l. ou Monte, Lugar de Cima, Souto de Aires, Vinha de Além, l. (1758).

*Guilhabréu-Avioso, S. P.*

l., Parada, Passa Bouças, Arões direcção Este, travessia do Monte Subtil, Quirás, l. (Cardoso).

*Avioso, S. P.-Avioso, Sta. Ma.*

Caminho (1880) até à Estr. Porto-Braga (Almeida; Freitas, 1880), ramal deste (1880) até à l.

*Avioso, Sta. Ma.-Barca*

Caminho paralelo à Estr. Porto-Braga passando por Castro, Paço, Gestalinho, l. (Cardoso).

*Barca-Vermoim*

l., Gestalinho (é lugar meeiro de Vermoim e Barca), Carvalhal, l. (1758).

*Vermoim-Nogueira*

l., Real, Outeiro, travessia do rio na ponte em Almorode, Pena, l. (que fica em cruzamento) (1758).

*Nogueira-Silva Escura*

l., Devesa, Freijufe, ao longo da Ribeira da Silva até à l.. Ou Sá, l. (que fica em ermo) (1758; 1880).

*Silva Escura-Folgosa*

l., Cevadinha, Quinta Paço, Eirado, l. (1758).

*Folgosa-S. Mam. do Coronado*

l., Eirado, Outeiro, Vilar de Lila (1880), af inflecte para Norte até São Mamede (Cardoso).

*S. Mam do Coronado-Covelas*

São Mamede, Sta. Eulália (em S. Rom. do Coronado), Fontiela, Profitela (1758; 1880), Cruz, l. (Cardoso; 1880).

*Covelas-Muro*

l., Seixinho para aproveitar o vale de Covelas, Mundões, l. de Muro. Ou por São Mamede, Carriça, l. (Freitas; 1880).

*Muro-Alvarelhos*

l., Alvarelhos de Cima (Cardoso), Arrabalde, mas antes de af chegar corta para l.. Ou Grova (1758) Vale, Giesta, l. (1758). Travessia da ribeira na Ponte de S. Marçal (P. Carvalho)

*Alvarelhos-Guidões*

l., Casais, sempre ao longo da Ribeira da Aldeia até l. entre Cerro, Guidões (1758) e Aldeia (1758).

*Guidões-S. Ti. de Bougado*

Aldeia, e através da serra até Maganha (1758). Ou pelo vale da Ribeira da Aldeia até ao Rio Ave. Aqui ou em Maganha até à Sra. do Desterro entre o Rio Ave e a estrada actual até Lagoa. A l. fica no meio (1880; 1758).

*S. Ti. de Bougado-S. Mart. de Bougado*

Lagoa a Finzes, ao lado de Barca da Trofa, onde ficava a barca de passagem (Cardoso; Almeida).

*S. Mart. de Bougado-Sto. Tirso*

Caminho ao longo do Rio Ave. A l. é a conventual (1758).

*Sto. Tirso-Sta. Crist. do Couto*

Caminho paralelo à Estr. actual por Orgal, S. Roque (1880; Cardoso).

*Sta. Crist. do Couto-S. Mi. do Couto*

Caminho para Monte Córdova. Sta. Crist., Bacelo, l. (é contígua a Bacelo) (1758;1880).

*S.Mi. do Couto-Monte Córdova*

Para não subir o monte pela Sra. da Ascensão podia ladear pelo vale para Sul por Remilde, Bonjardim e depois tomar o caminho do vale que fica entre a Sra. da Ascensão e Padrão, portanto para Este. E subir o monte passando por Quinta do Rol, Sto. António. A l. fica nos Guindaes. (=Quinchais) (1758).

*Monte Córdova-Refojos*

Desce ao longo do Rio Leça entre a serra, Padrão e S. Jorge até Granja, Ventosela e vira para a l. (1758).

*Refojos-Carreira*

Caminho por Fonte de Leça, cruza a Estr. Porto-Guimarães (Almeida) abaixo de Ventosela e segue para a l. que fica acima do Souto da Venda (Cardoso).

*Carreira-Guimarei*

Abaixo da l. parte caminho que vai directo à igreja de Guimarei; parte deste caminho só é transitável a pé (1880; Cardoso).

*Guimarei-Lamelas*

Desce por Souto, Calvário (1880), Simão, Portela, l. de Lamelas (1758).

*Lamelas-Reguenga*

l., Estr. Porto-Guimarães até altura de Guarda. Passa af por Cantim, Rua, l..

*Reguenga-Agrela*

Caminho na margem esquerda do Rio Leça passando em Telha, até entrar no caminho para Facho, Peso, que vem de Vilar (Guimarei) a Agrela (1880; Cardoso).

*Agrela-Agualonga*

l., Campinhos, Arcozelo, Pidre, l. ( no lugar de S.Gião) (1758; Cardoso; 1880).

*Agualonga-Alfena*

Caminho a ocidente da Estr. actual (1880) por Xisto, Codiceira,Pera, Costa, l. (1758; Cardoso).

*Alfena -Ermesinde*

l., Cabeda (1758), Rapadas, ao longo do Rio Leça até Asmes (l.) (1758).

*Ermesinde-S.P Fins*

l., caminho para Norte (1880) por Montezelo ,Portela.

*S P Fins-Águas Santas*

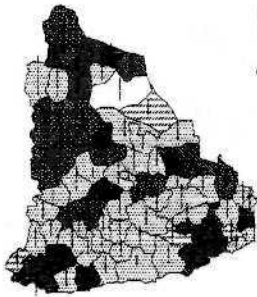
l., Leandro ao longo da ribeira até Sampaio, Ardegães, Pisão, Rebordãos, l. no mosteiro (1758;1623).

*Águas Santas- Milheirós*

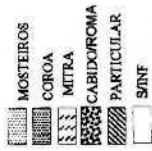
l., Real, depois para Norte até Moinhos do Arco ao lado de Álvaro.

Direitos de Apresentação

1787



0 10000 metros

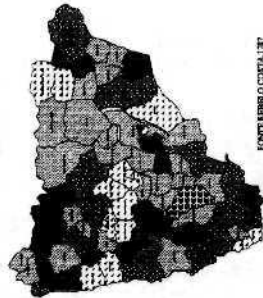


FONTE: MUSEU COPIAL '87

FONTE: CENSOAL MITRA, 1482

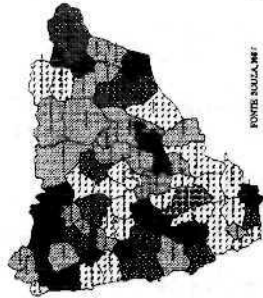
Títulos das Igrejas

1787



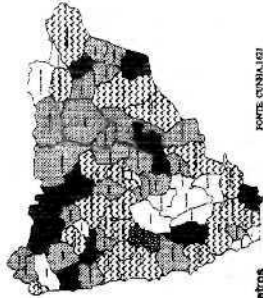
FONTE: MUSEU COPIAL '87

1687

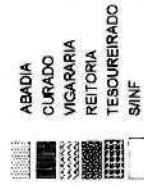


FONTE: SUGA, 1967

1623



FONTE: CENSOAL '02





**Caminhos das Visitas Pastorais na Comarca da Maia (época moderna)**



Estampa II